

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE MUSEOLOGIA

CAMILA BEATRIZ FARIA

CHICO MENDES – VIDA E LUTA ABORDADAS NUMA EXPOSIÇÃO DO MUSEU
NACIONAL DA REPÚBLICA

Goiânia
2019

CAMILA BEATRIZ FARIA

CHICO MENDES – VIDA E LUTA ABORDADAS NUMA EXPOSIÇÃO DO MUSEU
NACIONAL DA REPÚBLICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Museologia, nível graduação, ano 2019, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás, como um dos requisitos para obtenção do título bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Luciana Christina Cruz e Souza

Goiânia
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial minha mãe Magna Regina, que sempre me apoiou e me apresentou a minissérie brasileira *Amazônia, de Galvez à Chico Mendes*. E meu irmão, Lucas Eduardo, por ser meu melhor amigo e companhia nas difíceis horas de escrita e pesquisa.

Ao amigo Leonardo Alves Lima, que me enviou lá do Rio de Janeiro (RJ) o livro *O Testamento do Homem da Floresta – Chico Mendes por ele mesmo*, sendo essa minha primeira leitura biográfica de Francisco Alves Mendes Filho.

Agradeço também a minha orientadora, pela paciência, pelas mediações e principalmente por me permitir errar e aprender.

A todos(as) os(as) trabalhadores da cultura com os quais compartilhei momentos felizes e de trocas, acreditando sempre na Educação.

E por fim, aos que lutaram antes de nós.

PAI NOSSO DO SERINGUEIRO¹

Seringueira que estais na selva
Multiplicado seja os-vossos dias
Venha a nós o vosso leite
Seja feita a nossa borracha
Assim na prensa como na caixa
Para o sustento de nossas famílias
Nos dai hoje e todos os dias
Perdoai nossa ingratidão
Assim como nós perdoamos
As maldades do Patrão
Ajudai a nos libertar
Das garras, do regatão
Amém .
J.S.ARAOJO

¹ Poema do seringueiro e ex soldado da borracha Jaime da Silva Araújo, recitado no 1º Encontro dos seringueiros e soldados da borracha realizado em outubro de 1985, em Brasília.

RESUMO

O presente trabalho analisa narrativas e possibilidades museológicas a partir da exposição *Chico Mendes – Herói do Brasil*, realizada no Museu Nacional da República em Brasília (DF), que faz um panorama da vida e da morte do seringueiro acreano Francisco Alves Mendes Filho, popularmente conhecido por “*Chico Mendes*”. Com foco nos 30 anos do assassinato deste militante, a proposta é analisar as potencialidades museológicas na exposição e seus desdobramentos na área, buscando compreender os eixos políticos e sociais tanto da exposição quanto do campo museal. O trabalho também fará um esforço em compreender as disputas, os debates e as ações que envolveram a exposição tanto em seu processo de concepção quanto sua estrutura física, investigando também o papel do Museu Nacional da República enquanto mediador dos interesses de movimentos sociais e ao equipamento cultural do Estado. São apontamentos, investigações e proposições com a finalidade de levantar contribuições para o campo museal.

Palavras-chave: Chico Mendes; Museologia; Museu Nacional da República.

RESUMEN

El presente trabajo analiza narrativas y posibilidades museológicas a partir de la exposición Chico Mendes - Héroe de Brasil, realizada en el Museo Nacional de la República en Brasilia (DF), que hace un panorama de la vida y de la muerte del seringueiro acreano Francisco Alves Mendes Filho, popularmente conocido por "Chico Mendes". Con el foco en los 30 años del asesinato de este militante, la propuesta es analizar las potencialidades museológicas en la exposición y sus desdoblamientos en el área, buscando comprender los ejes políticos y sociales tanto de la exposición y del campo museal. El trabajo también hará un esfuerzo en comprender las disputas, los debates y las acciones que involucraron la exposición tanto en su proceso de concepción como su estructura física, investigando también el papel del Museo Nacional de la República como mediador de los intereses de movimientos sociales y al equipamiento cultural del Estado. Son apuntes, investigaciones y proposiciones con la finalidad de levantar contribuciones al campo museal.

Palabras clave: Chico Mendes; Museología; Museo Nacional de la República.

LISTA DE IMAGENS

Figura 01: Estrutura do Museu Nacional da República	23
Figura 02: Estrutura arquitetônica do Museu Nacional da República	23
Figura 03: Distância entre o Museu Nacional Honestino Guimarães e a Praça Chico Mendes	24
Figura 04: Cartaz de divulgação da exposição 1	28
Figura 05: Cartaz de divulgação da exposição 2	39
Figura 06: Público no percurso da exposição	32
Figura 07: Disposição dos painéis na exposição	33
Figura 08: Chico Mendes na exposição	38
Figura 09: Chico Mendes: premiação.	49
Figura 10: Vozes da Luta.	40
Figura 11: Mártires da Luta	42
Figura 12: Reservas Extrativistas no Brasil	43
Figura 13: Cenografia Seringueira.	44

SUMÁRIO

Resumo	
Abstract	
Introdução	8
Capítulo 1: Chico Mendes – quem foi?	
1.1 Nasce Francisco Alves Mendes Filho.....	11
1.2 Luta e Morte	12
1.3 Chico Mendes documentado no audiovisual	15
1.4 Chico Mendes – ocupando espaços públicos	16
1.5 Instituto Chico Mendes de Biodiversidade	17
1.6 Morte – uma narrativa sensível	18
1.7 O Museu Chico Mendes e Museu da Borracha	18
Capítulo 2: Museologia e Museu Nacional da República	
2.1 Museus e movimentos sociais	21
2.2 Museu Nacional Honestino Guimarães (Museu Nacional da República)	22
2.3 Exposição temporária – itinerante	25
Capítulo 3: A exposição Chico Mendes – Herói do Brasil	
3.1 Narrativas expográficas	31
3.2 A mulher na exposição	35
3.3 Chico Mendes exposto	36
3.4 Vozes da Luta	39
3.5 Mártires da Luta	41
3.6 Cenografia seringueira	43
Considerações finais	45
Referências	47

INTRODUÇÃO

Painéis com fotografias de Chico Mendes, documentos assinados por ele próprio, vídeos com discursos, sua vida adaptada ao mundo da TV e Cinema, mapas e objetos que remetiam a sua casa - atualmente museu - em Xapurí (AC), são alguns dos elementos que compõe o cenário expográfico a ser analisado. A partir deles, buscarei abordar a importância dos desdobramentos de uma exposição temporária, além de documentar o trabalho. Também levantarei as contribuições de Chico Mendes para diversos movimentos sociais no Brasil e sua coragem, que animou tantos outros(as) trabalhadores (as), procurando compreender os impactos de uma exposição como essa no Brasil atual. Essa trajetória é representada de diferentes formas na exposição de curta duração que teve início no dia 07/11/2018 e foi finalizada em 09/12/2018.

O fato do bacharelado em Museologia ser um curso da Faculdade de Ciências Sociais, na Universidade Federal de Goiás, fez com surgisse os primeiros interesses no tema. Sendo assim, neste trabalho pretendo contribuir com as manifestações e atuações práticas e teóricas da Museologia, estreitando relações com as Ciências Sociais e a Educação.

Chico Mendes – Herói² do Brasil, não é apenas sobre Francisco Alves Mendes Filho, é sobre tantas pessoas que “tomaram” lutando por defenderem direitos coletivos, é sobre a condição do trabalhador brasileiro, estruturas econômicas e sustentabilidade, e onde entra o papel de uma exposição temporária em um museu de renome como o Museu Nacional da República. Recorrendo ao método descritivo e exploratório de pesquisa.

Em um esforço em descrever a exposição e trabalhar outras narrativas sobre Chico Mendes, o presente trabalho está dividido em três capítulos. Sendo o primeiro um panorama geral dos aspectos, envolvimento, vida e morte de Chico Mendes, partindo de seu nascimento, atravessando sua vida política e recontando seu trágico assassinato.

O segundo capítulo é uma inserção no Museu Nacional da República, sua condição geopolítica, estrutura arquitetônica e agenda, além de sua forte característica em receber exposições de curta duração. Ainda no segundo capítulo algumas atribuições

² *Herói*: Chico Mendes em 2004 entrou para o livro *Heróis da Pátria*. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2004-09-24/seringueiro-chico-mendes-se-torna-heroi-no-panteao-da-patria>>. Acesso em: 8/7/2019.

sociais dos museus, suas funções políticas, e demandas outras trazidas por movimentos sociais.

No terceiro capítulo chegamos na explanação da exposição *Chico Mendes – Herói do Brasil*, o principal objeto de estudos deste trabalho. Aqui entraremos nas condições expositivas físicas, conceptivas e nas escolhas políticas adotadas pela curadoria. Uma reconstrução do espaço e uma análise de suas potencialidades museológicas e críticas. Tendo como ponto de partida sempre o legado e a importância da luta de Chico Mendes e pensando atuações dos museus e também do patrimônio na construção de uma memória sobre aquele indivíduo - representada, portanto, através de dispositivos museais de comunicação.

É importante ressaltar que este é um olhar sobre a exposição e que conta elementos dela e de autores e pesquisadores de Chico Mendes, desconhecendo a realidade real seringueira. Trata-se de um panorama a partir da exposição realizada em Brasília (DF), no centro do país, uma vivência outra, distante das verdadeiras condições e modos de vida onde a trajetória do seringueiro se constituiu.

Estou na condição de estudante, e é a partir deste lugar que escrevo e pondero características expositivas, distante geograficamente do objeto de estudo. Nesse sentido, a análise realizada nasce de consultas teóricas e relatos extraídos de fontes diversas. Como processo metodológico, esse trabalho recorreu a pesquisa bibliográfica tanto de trabalhos que investigam o modo seringalista de vida, quanto biografias dos seringueiros, mas também a uma literatura museológica e do dos estudos do patrimônio, além de análise fotográfica de alguns módulos da exposição, somada a uma filmografia sobre Chico Mendes. Por esses caminhos, o trabalho procura pensar o lugar do profissional da Museologia nos embates e participações políticas dos museus.

CAPÍTULO I

CHICO MENDES – QUEM FOI?

1.1. Nasce Francisco Alves Mendes Filho

Francisco Alves Mendes Filho ficou popularmente conhecido como Chico Mendes, nasceu em 15 de dezembro de 1944 na cidade Xapuri (AC), cidade marcada pelo Ciclo da Borracha³. Os impactos desse período foram intensos, não só devido às dificuldades peculiares da região e do desconhecimento dela por grande parte daquele que se dispôs a este novo e desafiador modo de vida, mas, sobretudo, pela grande perda de vidas humanas diante um modelo perverso de produção extrativista (SILVA, 2008, p. 98). Apesar do alargamento da demanda mundial pela borracha e a disposição de alavancar tal segmento de mercado pelos governos dos Estados Unidos e do Brasil, que procuravam estruturar, propagar e estimular a extração da borracha na Amazônia, a atividade produtiva na floresta Amazônica gerou lucros financeiros para apenas um lado, o lado do país norte americano.

Chico Mendes, filho de Francisco Alves Mendes e de Maria Rita Mendes, teve no pai a primeira referência de trabalhador seringueiro. No ano de seu nascimento o Brasil alinhava seus interesses políticos e econômicos seguindo os rumos da II Guerra Mundial⁴. Nesse período o governo brasileiro fechou uma série de acordos com os Estados Unidos (SILVA, 2008, p. 96) intensificando a produção da borracha na Amazônia. As exportações superavam o consumo interno, e a matéria prima dos seringais (látex) tinha por finalidade alimentar a indústria bélica estadunidense. Via-se um cenário característico de subimperialismo, no qual um país se subordinava a economia de outro para se desenvolver (MARINI, 2008, p.16) - nesse caso, Brasil perante Estados Unidos.

Chico Mendes começou o trabalho nos seringais ainda muito jovem. Aqui é interessante pontuar a diferença entre seringueiro e seringalista. O seringalista é um fazendeiro, dono da propriedade, o patrão. Já o seringueiro é o “*operário da mata*”, a mão de obra, o trabalhador. É fundamental esclarecermos a posição de cada um desses agentes no cenário da relação de empregador e empregado:

³ O ciclo da borracha foi um período da história brasileira de intensa extração e comercialização de látex para a produção da borracha. Ocorreu na região central da floresta Amazônica, entre 1879 e 1912, retornando entre 1942 e 1945.

⁴ Conflito militar global ocorrido entre 1939 e 1945.

O compromisso do seringalista com o seringueiro se configurava em possibilitar o aviamento de gêneros alimentícios, roupas e utensílios necessários para o fábriço, bem como entregar-lhes estradas de seringa que estivessem condições de serem exploradas, além de apoio na construção de tapiris e defumadores. Em contrapartida, o seringueiro só poderia descansar um dia na semana e vender toda a produção de borracha para o patrão que lhe aviou. Esses compromissos se davam de acordo com as exigências e necessidades do patrão. (GALVÃO, 2000, p.73)

1.2. Luta e morte

Chico Mendes aprendeu a ler e escrever tardiamente devido a rotina de trabalho. Foi aos 19 anos que em contato com políticos de visões marxistas-leninistas⁵ que atuavam no Acre iniciou suas leituras teóricas, as quais influenciaram sua militância e sua vida. A partir dessa iniciação ao entendimento político de sua condição de trabalho é que Chico adentrou a movimentos de organização sindical e partidária junto com outros trabalhadores seringueiros, isso em meados da década de 1970:

O grande mérito de Chico Mendes, como também de Osmarino Amâncio (parceiro e sindicalista do Acre) foi reunir aspectos que contribuíram para construir fortemente a identidade seringueira ante às políticas públicas do Brasil, de modo que, o reconhecimento do caráter sustentável no uso dos recursos florestais do grupo trouxe força política ao Movimento Seringueiro, assim, os ambientalistas se unem ao grupo. Desse modo, “revelou-se” ao mundo que outras formas de “desenvolvimento” eram possíveis; tornou-se visível a existência, bem como a importância dos “conhecimentos tradicionais”, e, principalmente, a ideia de “povos da floresta”. Nesse sentido, frisa-se que a identidade seringueira somente foi reconhecida e amparada pelo poder público a partir da visibilidade alcançada pelas lutas sociais travadas pelos mesmos. (CASTRO, 2003, p.42)

Foi na cidade de Brasiléia, localizada ao sul do estado do Acre, que ele começou a frequentar grupos de formação política, debates e organizações. Após esse período, retorna a Xapurí embasado por conhecimentos políticos e munido de argumentos que lhe possibilitaram assumir o cargo de presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), se articulando também ao Conselho Nacional de Seringueiros (CNS), e colaborando na construção do Partido dos Trabalhadores (PT) daquele estado. Mas a maior luta de Chico Mendes se deu na esfera ambiental.

A identidade seringueira ligada à preservação ambiental que começou a “aparecer” na década de 1970 no Brasil constituiu-se em importante narrativa de Chico Mendes (e outros companheiros sindicalistas), construída diante das formas de se viver e trabalhar no seringal, nomeadas naquele período histórico de “produção sustentável” ou “modo de vida sustentável”, pois, não

⁵ Tendência majoritária do movimento comunista, justaposição das palavras marxismo e leninismo.

havia degradação intensiva do meio natural e a exploração dos recursos florestais respeitavam o tempo da natureza. (CASTRO, 2003, p.33)

Na década de 1970 a agropecuária se intensificou, a briga foi além da disputa pelo látex da Amazônia. Existia uma disputa por espaço: humanos que queriam habitar, cuidar e produzir na terra em conflito com gados que pertenciam a ruralistas. O desmatamento foi acelerado através de queimadas e derrubadas de madeiras que deixaram o cenário Amazônico devastado. As consequências para os trabalhadores foram igualmente catastróficas. Antunes nos mostra como sistemas econômicos assim operam:

O capital operou, portanto, o aprofundamento da separação entre a produção voltada genuinamente para o atendimento das necessidades humanas e as necessidades de autorreprodução de si próprio. Quanto mais aumentam a competição e a concorrência intercapitais, mais nefastas são suas consequências, das quais duas são particularmente graves: a destruição e/ou precarização, sem paralelos em toda a era moderna, da força humana que trabalha e a degradação crescente do meio ambiente, na relação metabólica entre homem, tecnologia e natureza, conduzida pela lógica societal subordinada aos parâmetros do capital e do sistema produtor de mercadorias. (ANTUNES, 2009, p.28)

Nesse quadro, os seringueiros se apresentam como uma categoria de trabalhadores que possui relação direta com a natureza, afinal, é da madeira que eles tiram o “*leite*”. Na história tornaram-se alvo de violências por parte dos fazendeiros, desmatamentos constantes e precarizações nas condições de trabalho.

Chico Mendes, já tomado por uma conscientização política e uma capacidade ágil de articulação com outros trabalhadores, passou a ter conflitos com os fazendeiros locais que eram ligados a grandes corporações empresariais do exterior, se vendo envolvido, portanto, em conflitos econômicos e políticos. O contexto brasileiro das décadas de 1960-1970, em âmbito federal, era de governo militar, cuja agenda constava com as ideias de reforma agrária de Chico Mendes que confrontavam o sistema exploratório das terras. É interessante salientar que havia nesse período uma estrutura civil que atuava para além da força militar. Havia apoios de diversos setores da sociedade naquilo que ficou historicamente registrado por Daniel Aarão Reis (1998) como “Regime Civil-Militar” ou “Ditadura Civil-Militar”:

Há, em primeiro lugar, uma interpretação polêmica do processo da ditadura militar no país, destacando-se a necessidade do estudo de seus nexos e laços com a sociedade brasileira, ao contrário das tendências correntes que insistem em mostrar seu isolamento, como se tivesse existido apenas graças à repressão(...) Uma ditadura marcada por ambigüidades. De um lado, a capacidade típica dos regimes ditatoriais: de prender e de arrebentar, como

muito mais tarde, em arroubo antológico, diria um dos generais-presidentes. E também de fechar instituições – parlamentos e partidos –, ou de recriá-las – novos partidos. (REIS FILHO, 1998, p.25)

Toda a militância e trabalho com os(as) companheiros(as) fez com que a figura de Chico Mendes reverberasse mundialmente. Ele se tornou uma referência para vários movimentos sociais ainda em vida. Nesse sentido é interessante pensarmos na memória deste sujeito, sem recorrer a discursos cívicos oficiais, considerando a vida de um indivíduo que sempre “andou à margem”, no norte do país, fora do eixo sudeste protagonizado por figuras políticas que se consagraram em militâncias urbanas e rurais e alcançaram reconhecimento internacional.

Mas os prêmios e menções por suas lutas ambientais e políticas fizeram Chico Mendes incomodar oposições. A potência de suas atividades e articulações, somada a seu alinhamento partidário também contribuíram para que ele despertasse o ódio de elites locais.

Em dezembro de 1988, no dia 22, Chico Mendes foi assassinado em sua casa em Xapuri por um tiro de espingarda. Sua morte foi tramada por Darci Alves e Darli Alves, fazendeiros acreanos. Chico atuava pela desapropriação de algumas terras e pela criação de reservas, visando a proteção e a conservação da natureza. Já vinha sofrendo perseguições e ameaças constantes. Foi nesse contexto que Darci e Darli Alves armaram contra Chico.

A mídia reverberou o crime. O país passava por um processo de redemocratização⁶, e tal ação criminosa, ocasionada pelos motivos acima expostos, não passou despercebida pelo imprensa e por militantes. Tal repercussão impulsionou a criação de uma imagem popular sobre Chico Mendes no seu pós morte. Os mandantes do crime foram julgados e condenados⁷.

Chico Mendes teve uma morte simbólica para os movimentos sociais, sobretudo para aqueles ligados à cena seringueira e ambiental. Ele não foi o primeiro a ter sua vida interrompida nos confrontos em torno do tema da Reforma Agrária e dos Direitos Humanos, e infelizmente não foi o último. Muitos de seus companheiros e companheiras de movimento político tiveram suas vidas ceifadas nesse processo de luta por justiça social.

⁶ Processo de restauração da democracia, após o país passar por um período autoritário.

⁷ “*Entrega-Se no Acre assassino do seringueiro*”. Matéria disponível no Banco de Dados da Folha de São Paulo, Acervo online. 27 dezembro de 1988.

Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_27dez1988.htm>. Acesso em: 25/6/2019.

Lembrar de Chico Mendes por sua luta ambiental e trabalhista parece contribuir para a construção de uma memória que se difere dos discursos hegemônicos do patrimônio: ela emerge do povo, atravessa as camadas das narrativas oficiais, ainda que seja alimentada por projeções midiáticas, pois as mesmas envolveram a evocação popular desse homem, sobretudo após seu assassinato, na condição de identificação nacional a partir de um indivíduo real (GONÇALVES, 1988, p.266). Chico Mendes, dessa forma, compôs uma memória de Xapurí (AC) animando a realidade de trabalhadores do norte do país.

Em 2018 seu assassinato completou 30 anos. Suas convicções e posicionamentos continuam confrontando a elite agrária brasileira, na medida em que sua trajetória é única e sua memória permanece viva entre diversas categorias de trabalhadores. Quando temos casos como o de Chico Mendes e Marielle Franco⁸, os discursos do Estado parecem não comportar o clamor popular. O que vemos é uma espécie de imaterialidade a partir da qual a ideia de alguém habita o imaginário popular, configurando uma espécie de identificação social a uma representação construída de baixo para cima.

Chico Mendes virou sinônimo de luta. No ano de sua morte o Grupo Tortura Nunca Mais criou a *Medalha Chico Mendes*, uma premiação que reconhece iniciativas, ativistas, movimentos sociais e entidades que desenvolvem trabalhos de luta e resistência popular. O nome de Chico Mendes é para lembrar a luta desse homem, que perdeu sua vida de forma violenta. A iniciativa também se configurou como uma forma de contraposição à *Medalha de Pacificador*, que era dada aos militares e civis torturadores durante a Ditadura Militar.

1.3 Chico Mendes documentado no audiovisual

A história do seringueiro fez parte de uma série de produções cinematográficas que recontaram sua trajetória. Considerando o audiovisual como um documento histórico de sua época - capaz de contruir representações sobre o mundo, GUTFRIEND (2006, p.9) nos diz que os debates sobre representação e seus caminhos reflexivos, fazem do cinema um fenômeno de percepção social. Ele também pode ser encarado como instrumento da preservação de memórias construídas e compartilhadas em

⁸ Política brasileira assassinada em 14 de março de 2018. O caso teve grande comoção popular.

determinados contextos, uma ferramenta capaz de dar projeção a indivíduos, causas e acontecimentos que sempre foram silenciados por narrativas oficiais e hegemônicas.

Ao delinear a produção de documentários no âmbito das lutas dos movimentos sociais contra o agronegócio e os agrotóxicos como objeto de atenção e de investigação, temos a esperança de algum modo estarmos colaborando nesse intento de desconstruir e superar a razão metonímica. Ao enfocarmos particularmente a dimensão comunicacional desses processos sociais, sob a égide da produção social dos sentidos, estamos também tentando produzir evidências e reflexões sobre a importância da dimensão simbólica na identificação, caracterização e delimitação das ausências e das emergências. (FASANELLO; ARAUJO; PORTO, 2016, p.140)

Se considerarmos portanto o audiovisual – em especial o cinema - como um mecanismo político de difusão do pensamento e da luta de Chico Mendes, importa indicar algumas das produções que se destacaram diante de inúmeros trabalhos produzidos:

1) *Chico Mendes - eu quero viver*⁹ (1989), mostra Chico Mendes contando sua história, sua vida na infância e os trâmites da luta pela reforma agrária. Importante registro de falas em primeira pessoa do seringueiro. O filme aborda ainda o cenário pós morte de Chico Mendes, o que ficou de seu legado e seus ideais para outros trabalhadores de reservas extrativistas.

2) *Chico Mendes, o preço da floresta*¹⁰ (2008) , trata a realidade do desmatamento e da exploração de trabalho na floresta Amazônica brasileira, a violência causada por latifundiários e o drama do assassinato de Chico Mendes, o longa apresenta um importante panorama das reservas extrativistas no Brasil.

3) *Genésio – um pássaro sem rumo*¹¹ (2018), a mais recente produção, narra a história de Genésio Ferreira, única testemunha viva do assassinato de Chico Mendes. Na época do ocorrido seu depoimento foi determinante para os rumos da investigação, Genésio tinha apenas 13 anos quando assistiu o crime. O documentário conta também com muitas participações de fotógrafos, jornalistas e outros trabalhadores seringueiros.

1.4 Chico Mendes - ocupando os espaços públicos

⁹ Chico: I want to live. Brasil, 1989. 56'. Direção: Adrian Cowell.

¹⁰ Chico Mendes, o preço da floresta . Brasil, 2008, 48'. Direção: Rodrigo Astiz.

¹¹ Genésio – um pássaro sem rumo. Brasil, 2018, . Direção: Maria Fernanda Ribeiro.

São muitos os espaços que carregam o nome de Chico Mendes e ajudam a construir e espalhar memórias do seringueiro sindicalista. No Maranhão seu nome foi atribuído em 2008 à biblioteca do Instituto Federal – Campus Buriticupu - que se chama Biblioteca Chico Mendes (BCM). São várias praças, ruas, salas do mais importante Instituto dentro do Ministério do Meio Ambiente, o Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade, órgão fundamental na proteção do patrimônio ambiental, criado em agosto de 2007, que integra o Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama):

Cabe ao Instituto executar as ações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, podendo propor, implantar, gerir, proteger, fiscalizar e monitorar as UCs instituídas pela União. Cabe a ele ainda fomentar e executar programas de pesquisa, proteção, preservação e conservação da biodiversidade e exercer o poder de polícia ambiental para a proteção das Unidades de Conservação federais. (INSTITUTO CHICO MENDES, 2019)¹²

1.5 Instituto Chico Mendes de Biodiversidade

O Instituto Chico Mendes de biodiversidade (ICMbio) desenvolve uma série de ações ligadas ao patrimônio cultural uma vez que seu trabalho lida diretamente com as populações tradicionais e os impactos sociais. Nesse sentido, o patrimônio cultural fomenta e conserva o trabalho das pessoas inseridas em determinado lugar, enquanto o patrimônio ambiental cuida da sociobiodiversidade associada a essas pessoas.

É interessante pensar na organização e na parceria entre as esferas públicas e suas atuações. São 11 regionais espalhadas pelo Brasil, sendo a sede em Brasília (DF). O norte, por comportar a Amazônia, é a região que mais concentra essas extensões. A cidade de Goiânia (GO) está entre as 11.

Desde 2002 anualmente o Ministério do Meio Ambiente premia lideranças da sociedade civil, trabalhos de educação ambiental, instituições e atividades que visem a preservação da floresta amazônica, esse prêmio também homenageia o seringueiro assassinado, Prêmio Chico Mendes, é um estímulo e um mecanismo político de promoção e conservação dos recursos naturais, sendo a premiação mais importante no desenvolvimento sustentável da região amazônica brasileira.

¹² Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/oinstitut>>. Acesso em: 25/6/2019.

Coordenado e executado pelo Departamento de Articulação de Ações da Amazônia – DAAM e DPCD – Departamento de Políticas para o combate ao Desmatamento – DPCD, vinculados à Secretaria Executiva – SECEX o Prêmio tem por finalidade valorizar os trabalhos realizados e desenvolvidos em prol da conservação do meio ambiente. (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2011)¹³

1.6 Morte – uma narrativa sensível

É delicado o processo de transformar a memória de Chico Mendes em um discurso museal, seja por meio de uma exposição temporária ou da fixação de um museu onde foi sua residência. Chico Mendes foi assassinado, e por essa razão existe uma responsabilidade no discurso de quem narra a história deste crime: sua morte foi violenta e faz parte de uma realidade de conflito por qual outras famílias passam no contexto de trabalho e de militância política e ambiental na região do Acre e em outras regiões do país. Como abordar esse tema de forma sensível e ainda contemplar as memórias criadas socialmente por ocasiões de assassinatos de lideranças social ou política? A condição da comoção popular parece não depender da patrimonialização oficial para existir, mas acaba forçando os poderes públicos a reconhecerem de alguma forma essas narrativas de dor. O campo museal consegue conciliar esses desafios?

1.7 O Museu Chico Mendes e Museu da Borracha

O Museu Chico Mendes e o Museu da Borracha são instituições museais que reforçam a memória e a difusão de pesquisa sobre o modo seringueiro de vida e suas lutas sociais históricas, são importantes espaços de reflexão sobre o assunto e referência nos temas ambientais ligados à produção da borracha. Os dois museus possuem discursos expográficos similares, porém um deles foi de fato a casa do seringueiro Chico Mendes.

O Museu Chico Mendes é uma Instituição localizada no centro de Xapuri (AC), e originalmente foi o local onde o seringueiro residia na ocasião em que fora assassinado. O acervo do museu são os objetos pessoais de Chico Mendes, além de móveis e livros. O espaço se tornou emblemático, a tal ponto que é possível vê-lo recostituído, em partes, na exposição *Chico Mendes – Herói do Brasil*.

¹³ Ministério do Meio Ambiente. Prêmio Chico Mendes.

Disponível em: < <http://www.mma.gov.br/endere%C3%A7os-importantes/item/907-pr%C3%AAmio-chico-mendes>>. Acesso em: 25/6/2019.

Aqui é interessante olharmos para o formato de um museu ortodoxo, para SCHEINER (2012, p. 28) são museus já construídos, tradicionais, de âmbito nacional, sendo o caso do Museu Nacional da República, já o Museu Chico Mendes está para um museu casa, se organizando em outro formato, se revelando muito sensível à memória daqueles que habitaram o local, invocando uma intimidade afetiva anteriormente compartilhada nesse espaço. No caso, cabe refletir sobre os desafios museais de se abordar o local de assassinato do principal personagem trabalhado pela Instituição,

O Museu da Borracha, por sua vez, foi criado em abril de 1978 e inaugurado em novembro do mesmo ano. Localizado em Rio Branco, capital do Acre, seu conteúdo, suas pesquisas e acervo preservam a memória econômica e social do estado, com forte pauta no trabalho dos seringueiros, invocando a cultura material no entorno da borracha. Passou por diversos períodos de fechamento, hoje se encontra aberto ao público.

A ideia do cenário é mostrar os aspectos do dia a dia da vida na floresta, o espaço retrata uma moradia simples, é uma representação da adaptação dos modos de vidas dos nordestinos à nova vida na floresta amazônica. Essa visão é explorada pelos objetos que estão expostos nessa sala, os quais também demonstram a transformação dos “nordestinos” em “seringueiros”. (Pinto, 2014, p.39)

Esse é um museu mais próximo da realidade de Chico Mendes por estar localizado em sua terra natal. Porém, vale lembrar que a região norte do Brasil também conta com outro museu voltado para a memória dos seringueiros: o Museu do Seringal Vila Paraíso, localizado em Igarapé, zona rural do entorno de Manaus, acessível apenas por meio de embarcações.

CAPÍTULO II

MUSEOLOGIA E O MUSEU NACIONAL DA REPÚBLICA

2.1 Museologia e movimentos sociais

Hoje o campo museal com suas diversas vertentes teóricas e práticas atua em diferentes lugares e por meio de grupos sociais que se apropriam de ideias e experiências como ferramenta para combater desigualdades e injustiças históricas. Mário Chagas (2011) aponta uma série de exemplos de práticas museais executadas por meio de dinâmicas de apropriação e resistência em contextos variados:

O fenômeno da ampliação da diversidade museal trouxe a erosão das tipologias museológicas baseadas em disciplinas e acervos, o alargamento do espectro de vozes institucionais, a flexibilização das narrativas museográficas de grandes sínteses nacionais ou regionais, a experimentação de novos modelos museológicos e museográficos, a disseminação de museus e casas de memória por todo o país. A democratização da tecnologia museu implicou a apropriação (ou a antropofagia) dessa ferramenta por diferentes grupos étnicos, sociais, religiosos e familiares com o objetivo de constituir e institucionalizar as suas próprias memórias. Alguns exemplos: Koahí - Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque (Oiapoque, AP), Museu Casa de Chico Mendes (Xapuri, AC), Museu da Maré (Rio de Janeiro, RJ), Casa de Memória Daniel Pereira de Mattos do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte, de Luz (Rio Branco, AC), Museu Indígena de Coroa Vermelha (Santa Cruz de Cabralia, BA), Museu Magüta dos índios Ticuna (Benjamim Constant, AM), Ecomuseu da Amazônia (Belém, PA), Museu Vivo de Duque de Caxias (Duque de Caxias, RJ). (CHAGAS, 2011, pp.12 - 13)

Exposições, processos de patrimonialização e construção de acervos, são alguns dos mecanismos que os movimentos sociais têm usado para a preservação de suas memórias. A nova geração de profissionais da área patrimonial e da Museologia também têm contribuído para mudanças estruturais nos formatos convencionais de se preservar, mobilizando esforços para debater sobre a multiplicidade de narrativas possíveis sobre a realidade, inserindo debates sociais em suas discussões.

No Brasil acervos físicos de movimentos sociais e sindicalistas já têm ganhado força no que diz respeito à preservação e difusão de seus conteúdos para a comunidade em geral, é o caso de projetos Arquivo e Memória do Movimento Sem Terra (MST), Centro de Memória Operária de Sorocaba (CMOS), Memorial da Classe Operária - União Geral dos Trabalhadores (UGT), entre outros. Os espaços e projetos mencionados são todos concentrados no estado de São Paulo, devido ao histórico paulista de movimentos operários e sindicalistas. Contudo, é importante ressaltar que existem diversas outras experiências espalhadas pelo Brasil como a experiência de “patrimonialização da luta” que a partir de um projeto de lei do deputado Dirceu TenCaten (PT) determina a proteção do local Monumento das Castanheiras, localizado em Eldorado dos Carajás (PA), conhecido como *Curva do S* , onde 21 militantes do

Movimento Sem Terra (MST) foram assassinados no dia 17/4/1996. Nesse caso específico, o reconhecimento como patrimônio histórico e cultural do lugar tem finalidade de reconhecer e denunciar a violência no campo.

2.2 Museu Honestino Guimarães (Museu Nacional da República)

O Museu Nacional da República, oficialmente denominado como Museu Nacional Honestino Guimarães¹⁴, é uma instituição localizada em Brasília (DF), que compõe o Conjunto Cultural da República, criado em 1999. Um equipamento cultural administrado pelo governo federal, localizado no Plano Piloto de Brasília (DF), que ocupa uma área de 91.000m², sendo 11.000m² de área edificada. A atuação do museu tem se concentrado em manifestações artísticas diversas, fomentando difusão de práticas culturais e a liberdade de expressão como expressões da Democracia. Em um formato semiesférico, foi projetado por Oscar Niemeyer e inaugurado no dia 15 de dezembro de 2006, no dia do aniversário de 99 anos do arquiteto - data que coincide com o nascimento de Chico Mendes¹⁵. A arquitetura é assim descrita pela literatura que aborda tema:

O pavimento térreo é formado por um nível horizontal em forma de coroa circular que recebe todas as salas destinadas a trabalhos específicos de museologia, além de um auditório de 80 lugares, e uma área central, com piso inclinado, destinado ao grande auditório acarpetado de 700 lugares. As paredes dos dois auditórios, revestidas por lambris, recebem um recheio de lã de vidro e compensado de madeira como forma de proteção acústica. Logo acima, o grande pavimento de exposições, elevado 5,15 m em relação ao térreo, tem sua laje apoiada sobre a parede cilíndrica do auditório com 35 m, por meio de aparelhos de apoio em neoprene. (SAYEGH, 2017, p.2)

A exposição *Chico Mendes – Herói do Brasil* ficou localizada no primeiro piso (de baixo para cima), ocupando uma das duas galerias dedicadas a exposições menores e mais curtas, conforme se vê na imagem a seguir. Merece destaque as localizações das galerias para pensarmos o fluxo de visitação do museu, a apropriação do espaço por parte de visitantes e as demais atividades comportadas pela Instituição para além das exposições temporárias que parecem ser o “carro-chefe” do equipamento.

¹⁴ Homenagem a Honestino Monteiro Guimarães, líder estudantil goiano, morto durante o regime civil militar brasileiro.

¹⁵ Chico Mendes nasceu no dia 15 de dezembro de 1944, segundo a página virtual Memorial Chico Mendes. Disponível em: <<http://www.memorialchicomendes.org/chico-mendes/>>. Acesso em: 19/7/2019.

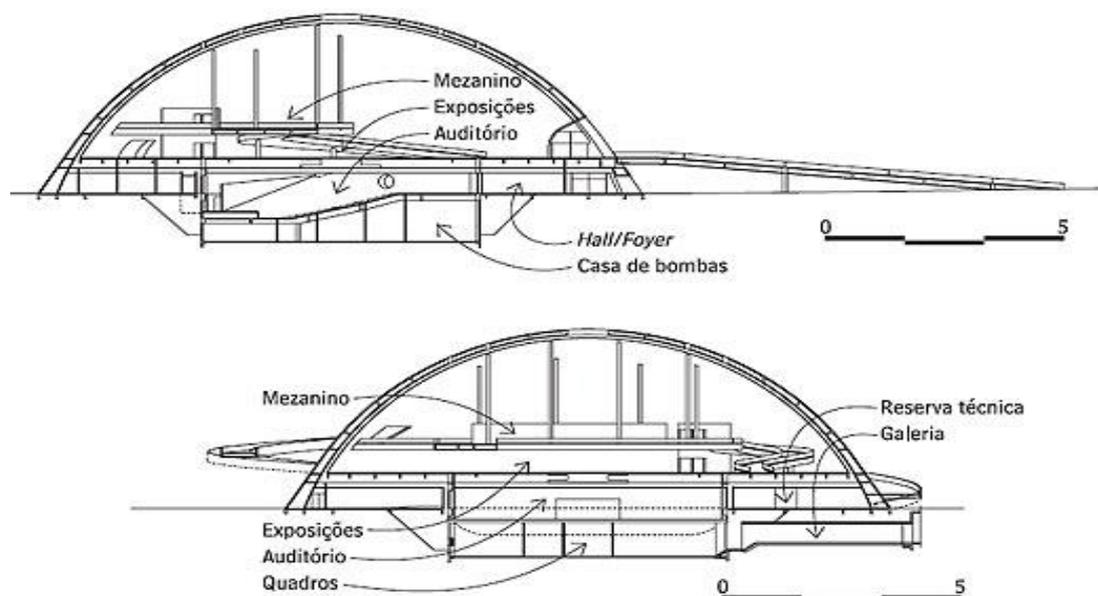
A exposição se deu na parte inferior da rampa principal de acesso as galerias do museu. Sendo exposições menores no andar inferior, e maiores no superior por uma questão de estrutura logística, a parte de cima do museu é composta de espaços mais amplos e abertos. O primeiro andar tem sua estrutura composta por salas menores.

Figura 01: Estrutura do Museu Nacional da República



Foto: Brasília Capital Blog Post¹⁶

Figura 02: Estrutura arquitetônica do Museu da República

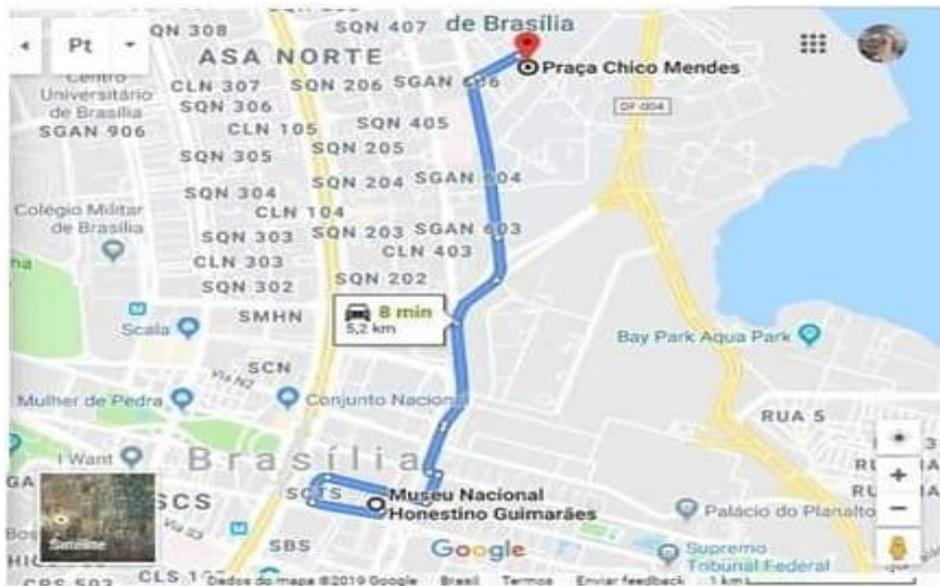


Fonte: Techne17¹⁷

¹⁶Brasília Capital Blog Post. 2008. Disponível em: < <http://brasiliacapital.blogspot.com/2008/07/museu-nacional-honestino-guimares.html>>. Acesso em: 25/6/2018.

A localização do Museu é relativamente próxima a um outro ponto de memória que carrega o nome do seringueiro: a Praça Chico Mendes, uma das praças mais famosas da capital brasileira, localizada a mais ou menos 5,8 km de distância do museu conforme o mapa a seguir - que apresenta uma simulação do trajeto percorrido por um carro:

Figura 03: Distância entre o Museu Nacional Honestino Guimarães e a Praça Chico Mendes



Fonte: Google Maps¹⁸

O Museu Nacional da República fica em um grande espaço passível de caminhantes, ciclistas e outros, compondo um cenário de capital. Os museus tradicionais ortodoxos de grande porte tendem a se articular com o espaço da cidade, e o Museu Nacional da República parece fazer parte dessa tendência. Os espaços museais cada vez mais incorporam a vida urbana e o entorno, tornando-se locais de lazer e entretenimento anteriormente designados a praças e passeios públicos. No caso do

¹⁷ Estrutura arquitetônica do Museu Nacional da República. Techne17 Pini Engenharia. Disponível em: <http://techne17.pini.com.br/engenharia-civil/124/artigo286425-2.aspx>; <http://www.fenae.org.br/portal/fenae-portal/noticias/exposicao-multimedia-homenageia-chico-mendes.htm>. Acesso em: 13/5/2019.

¹⁸ Distância entre Museu Nacional Honestino Guimarães e Praça Chico Mendes. Google Maps. Google. Disponível em: <http://maps/dir/UnB+Pra%C3%A7a+Chico+Mendes+Setor+Cultural+Sul+Museu+Nacional+Honestino+Guimar%C3%A3es>. Acesso em: 13/6/2019.

Os museus agora eram projetados para serem lugares agradáveis de ficar até mesmo independentemente de seus motivos-objeto, o acervo exposto. Para isso foram agregados novos serviços como restaurantes, lojas, parques e jardins, além de outras facilidades e, mais do que tudo, em contraposição ao museu antigo, muita luz natural iluminando amplas circulações e grandes espaços de exposição muito mais integrados e fluidos. A grande novidade foi o uso do concreto armado, que passou a ser utilizado em abundância, propiciando soluções estruturais inusitadas. A presença da estrutura, muitas vezes de forma crua e brutalista, assegurando a possibilidade de grandes plantas livres e propiciando o controle da iluminação natural (...). (KIEFER, 2011, p.21)

2.3 Exposição temporária - itinerante

A expografia é um mecanismo de comunicação que estabelece pontes entre o público e as informações produzidas em uma museu. Nesse sentido, a expografia é a ferramenta de comunicação museológica que se desdobra em uma série de outras atividades museais: ações educativas, estudos de público, palestras, atividades transversais, etc. A construção de uma exposição interfere diretamente nas dinâmicas operacionais do setor Educativo de um museu, sendo a interação dos visitantes, a disposição do conteúdo no espaço, as cores, a iluminação, os discursos utilizados, etc., alguns dos elementos definidos a partir de “escolhas expográficas”.

A expografia é material e imaterial. A imaterialidade está no processo de desenvolvimento da exposição em si: na idealização e concepção, na interação humana, nos juízos de valores mobilizados. Ainda no campo da imaterialidade há as percepções pessoais que cada visitante desenvolverá ao longo da experiência, que produz sentidos individuais e coletivos e orienta relações de intersubjetividade.

Chico Mendes, Herói do Brasil – uma memória à honrar, um legado a defender, é o título da exposição temporária que foi inaugurada no dia 7/11/2018 no Museu Nacional da República, explorando três eixos de luta social brasileira: política, ecológica e sindical. Esses são os recortes abordados pela curadora Maria José Weiss, que também é editora da revista *Xapuri Socioambiental*.

Anualmente, desde o assassinato de Chico Mendes, acontece o Encontro Nacional Chico Mendes, um momento de debate, reunião de lideranças extrativistas. Trata-se de um evento de articulação e promoção do pensamento de Chico Mendes. cujo tema deste ano teve como foco os 30 anos do assassinato do seringueiro. O evento acabou por alimentar as narrativas da exposição do Museu Nacional da República, sendo que seu período de ocorrência se articulou ao período da exposição: a exposição em Brasília (DF) aconteceu do dia 7/11/2018 à 5/12/2018, enquanto o Encontro

Nacional Chico Mendes aconteceu entre os dias 15/12/2018 e 17/12/2018. É importante pontuar que essas datas são marcos na trajetória do seringueiro, que nasceu no dia 15 de dezembro de 1944 e foi assassinado no dia 22 de dezembro de 1988.

O Museu Nacional da República é um museu de exposições temporárias, sua agenda tem procurado inserir Brasília nos circuitos expositivos itinerantes e temporários. Sendo assim, não tem incorporado as exposições de longa duração, que são recorrentes em museus tradicionais ortodoxos. Essa escolha de agenda parece uma tendência entre equipamentos museais que procuram criar novos e contínuos fluxos de debates assuntos diversificados que estejam em pautas atuais na sociedade. Nessa perspectiva, exposições com um tempo de duração mais curto podem se revelar como um mecanismo - político - adotado pelo museu para combater uma espécie de “estagnação das narrativas expográficas”. Tais ideias encontram respaldo nas reflexões de Denise Walter Xavier (2013), conforme se lê abaixo:

Evidencia-se aqui a preocupação com as oportunidades educativas propiciadas pelas exposições itinerantes e, também, a utilidade das exposições temporárias como importantes formas de renovação da programação dos museus. Não se trata apenas de salvaguardar os objetos, os “tesouros”, mas de fazer com que o museu seja uma instituição viva, preocupada em estabelecer um diálogo e atrair seus visitantes. O museu se torna, pouco a pouco, mais voltado para o seu público do que apenas para a sua coleção, e as exposições itinerantes surgem nesse sentido. (XAVIER, 2013, p.41)

Nessa perspectiva elucidada pela autora, a experiência de uma exposição com duração mais curta apresenta vantagens e limitações. As vantagens estão no que diz respeito a circulação de conteúdo, dinamização do espaço expográfico, a organicidade do museu, o fomento de outros artistas e o diálogo com outras instituições. Contudo, limita-se a possibilidade de desenvolvimento de ações educativas continuadas de média e longa duração num sentido de aprofundamento dos temas explorados e a infinidade de conexões e discussões lhes sejam transversais.

A exposição *Chico Mendes - Herói do Brasil* se iniciou no Museu Nacional da República em 7 de novembro de 2018 com término no dia 9 de dezembro de 2018, uma semana antes do *Encontro Nacional Chico Mendes*. Na sequência a exposição seguiu para Xapuri (AC), cidade que sediou o encontro, e compôs a programação cultural do evento sendo montada no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Xapuri. Cabe destacar as dificuldades de um processo de itinerância de uma exposição: a montagem e a desmontagem, sua circulação nacional, e os custos de transporte de materiais e equipe técnica conforme a logística geográfica, uma vez que o

Brasil possui estruturas continentais. Nessa perspectiva, é necessário pontuar as dimensões geográficas que consistiram a transferência de *Chico Mendes, Herói do Brasil – uma memória à honrar, um legado a defender* de Brasília (DF) para o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Xapuri (AC). O que implica custos de deslocamento e produção.

Além das dimensões geográficas há um “deslocamento político” nessa situação: é uma exposição que se inicia em um grande equipamento cultural localizado na capital do país e segue para um cenário outro, um sindicato de trabalhadores em uma cidade que não está inserida nas rotas das grandes exposições do país. É uma prova das potencialidades do campo museal através de suas ferramentas que dialogam com outras instituições que não necessariamente o museu: elas operam em múltiplos espaços. Nesse sentido, a Museologia procura gerar questionamentos, pesquisas e investigações sobre esses processos museais que se realizam dentro ou fora dos espaços tradicionais ortodoxos (CHAGAS, 1985). A exposição, independente do espaço físico que ocupe, ou seja, sua potencia enquanto dispositivo de comunicação museológica, não está presa exclusivamente aos museus, mas uma série de contextos interdisciplinares que afetam pessoas, reverberam em contextos políticos e se desdobram em ações para além da exposição revelando-se como uma potente ferramenta de mediação política entre a população. No caso de exposições com temáticas alusivas à militância e resistência social, sua função parece a de um “articulador” e compositor de representações dos cenários ativistas do país.

Agora no dia 4/6/2019 a exposição voltará para Brasília (DF) e ocupará a Galeria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Nacional de Brasília (UNB), fazendo mais uma conexão entre a memória de Chico Mendes, a sociedade e a comunidade universitária. Importa destacar que a Universidade de Brasília também tem em suas ofertas de formação o curso de bacharelado em Museologia, porém, a parceria entre a Universidade e a produtora e curadora da exposição foi realizada com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

É interessante essa integração entre as demandas da comunidade externa e os espaços expositivos das universidades federais. Outro exemplo de experiência que ocorreu em período próximo a exposição da Galeria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo é a exposição *MST em Cartaz*, realizada no Museu de Arte da Faculdade Federal do Ceará, a qual mostrava um panorama de cartazes que narram a história e a

arte gráfica sobre militantes e trabalhadores do Movimento Sem Terra brasileiro. Este - e tantos outros - são exemplos de ações em que as universidades ocupam seus espaços expositivos a partir das demandas da comunidade externa.

**Figura 04: Cartaz de divulgação da exposição 1
(realizada no Museu Nacional Honestino Guimarães)**



Fonte: Portal Fena.org¹⁹

¹⁹ Cartaz de divulgação. Exposição Multimídia homenageia Chico Mendes. Fena. Disponível em: <http://www.fena.org.br/portal/fena-portal/noticias/exposicao-multimidia-homenageia-chico-mendes.htm>> Acesso em: 13/6-2019.

**Figura 05: Cartaz de divulgação da exposição 2
(será realizada na Galeria de Arquitetura e Urbanismo da UNB)**



Fonte: Acervo pessoal²⁰

²⁰ Cartaz de divulgação, enviado via whatsapp pela própria curadora da exposição, Zezé Weiss. Acervo Pessoal. Junho/2019.

CAPÍTULO III
A EXPOSIÇÃO
CHICO MENDES - HEROI DO
BRASIL

3.1 Narrativas expográficas

A exposição *Chico Mendes, Herói do Brasil – uma memória à honrar, um legado a defender* foi executada em uma sala pequena, a segunda após a entrada principal do museu. Na ocasião o museu exibia outras duas exposições, sendo elas: *Capitais do Brasil – da água ao fogo* e *Luigi Pedone – Uma história ilustrada*.

Em termos expográficos, o espaço destinado ao tema do Chico Mendes era compacto, e recebeu em suas paredes painéis com postêrs, textos e algumas imagens. Em suma, este era o principal material da exposição:, uma linguagem predominantemente textual, porém textos curtos de fácil compreensão. Além disso era possível acessar reportagens jornalísticas em formato *pdf* em um computador disponível para os visitantes, e havia uma mediadora que controlava o acesso a tal conteúdo, atenta, ela estimulava questionamentos, porém, era uma única mediadora, então sua atividade era limitada a responder aos questionamentos dos visitantes.

Em um formato semicircular, as paredes da sala expositiva foram forradas por esses textos e imagens. No centro da sala havia uma espécie de cabine com bancos onde os visitantes podiam sentar e acompanhar trechos de reportagens audiovisuais de Chico Mendes e depoimentos de pessoas que o conheceram, além de relatos de pesquisadores e ambientalistas.

Dividida em alguns pontos principais a exposição se deu a partir dos seguintes temas: *Chico Mendes - Um legado ameaçado; Vozes da Luta; Mártires da Luta; Militância Partidária; Valdiza Alencar – A mulher do Sindicato*, e um cenário remontando a casa e a vida de um seringueiro. Sendo uma única entrada, a exposição permitia dois caminhos iniciais, que levavam a um mesmo lugar, na estrutura do próprio museu, semicircunferência, uma sala única, levemente arredondada

Um dos caminhos era o de acesso ao computador que continha as matérias jornalísticas e painéis com textos voltados para o tema *Chico Mendes - Um legado ameaçado*; o segundo percurso iniciava o tema *Militância*. Ambos corredores com textos e fotografias ampliadas. O ponto de colisão dos caminhos era o espaço com uma representação cenográfica de uma casa que remontava a ideia do lar de um trabalhador seringueiro, contendo alguns objetos e uma mesa com documentos e cartas assinados pelo próprio Chico Mendes.

Figura 06: Público no percurso da exposição

Fonte: Memorial Chico Mendes²¹

Um discurso conciso, porém bem aplicado no quesito informativo. Até o momento da visita exploratória sobre a qual se baseia o presente trabalho não havia nenhum material que apontasse o público específico para o qual se destinava a exposição. Sendo assim, é possível supor a abrangência do público-alvo, considerando caminhos e possibilidades expográficas para diferentes faixas etárias e grupos, numa operação entre mediação e alinhamento da proposta expositiva. O tema possibilita diferentes abordagens de ações educativas, contudo não foi encontrado nenhum material referente a esse tipo de ação.

A exposição é educação, envolve e evoca estudos e práticas em diferentes formatos e linguagens. Uma exposição faz escolhas políticas que se materializam em discursos textuais e gráficos, no arranjo do espaço, na disposição de móveis e objetos de acervo. A curadoria de uma exposição é responsável por determinar a abordagem do tema: a organização das informações e a ênfase a determinados assuntos. *Chico Mendes – Herói do Brasil* fez seus recortes e os aplicou durante a exposição. Não é possível abarcar toda a trajetória do seringueiro Francisco Mendes em uma única exposição, considerando ainda o seu curto prazo. Mesmo as biografias e documentários possuem

²¹ Foto da exposição divulgada no Facebook do Memorial Chico Mendes. Disponível em: <https://www.facebook.com/MemorialChicoMendes/photos/a.913482215386413/2021859544548669/?type=3&theater>. Acesso em: 25/6/2019.

suas limitações. São suportes que constroem representações de Chico Mendes e possibilitam desdobramentos nas pesquisas sobre sua vida e seu legado.

Figura 07: Disposição dos painéis na exposição



Foto: Maria J. C. Oliveira²²

Nesse sentido, é interessante analisar uma exposição sabendo de seus trâmites, lendo seus objetivos e tecendo críticas que pontuem as limitações das ações museológicas - ou museais como um todo - e tendo a dimensão de que o discurso expográfico é produto de escolhas discursivas e estéticas. O ofício da Museologia é, entre tantas outras coisas, estudar e refletir sobre essa seleção. As exposições não são isentas dos pensamentos críticos de quem as faz. No caso da exposição sobre Chico Mendes vale ressaltar as pessoas envolvidas no seu processo de concepção: trabalhadores e trabalhadoras ligados ao Memorial Chico Mendes, ao Instituto Chico Mendes de Biodiversidade e a Revista Xapuri Socioambiental.

Uma exposição não se constrói sozinha, ela parte de pontos de vistas, posicionamentos e considerações políticas das pessoas envolvidas. Isso é fundamental

²² Maria J. C. Oliveira.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10217271052269097&set=pb.1255740914.-2207520000.1561476504.&type=3&theater>>. Acesso em: 25/6/2019.

no cerne dessa exposição, posto que sem esses trabalhadores lutando e atuando em frentes diversas de movimentos sociais a exposição não se daria com o mesmo êxito, com a mesma complexidade e a sensibilidade na sua abordagens sobre Chico Mendes e sobre debates e discussões em torno de sua figura.

Se tratando de uma exposição que nasce de uma demanda social em memorar os 30 anos do assassinato que assolou o país, ela acaba por invocar relações e afetos com grupos e movimentos sociais na história do Brasil. A exposição é sobre Francisco Alves Mendes, mas ela nos leva para um lugar seringueiro, um lugar cheio de outras memórias, outras violências, outras lutas. Nesse sentido, a Museologia aqui parece ter a missão de construir discursos que acessem a realidade desses povos da floresta e suas memórias, e têm a potencialidade de explorar - através da ferramenta da exposição - gatilhos museais que excedam o espaço do Museu Nacional da República. Nesse sentido, vale pontuar a reflexão de Mário Chagas sobre a possibilidade de construir fricções em dispositivos de memória no intuito de estabelecer discursos contra-hegemônicos:

Com todos esses ingredientes, o pesquisador está habilitado para o entendimento de que a constituição dos museus celebrativos da memória do poder decorre da vontade política de indivíduos e grupos e representa a concretização de determinados interesses. (CHAGAS, 2009, p.62)

No caso da exposição sobre Chico Mendes, a pesquisa histórica ficou a cargo de Dolores Nieto, Eduardo Pereira, Elson Martins, Gomercindo Rodrigues, Jaime Sautchuk, Júlia Feitosa Dias, Karla Kristina Oliveira, Marcos Vinícius Neves e Zezé Weiss. Dar nome aos pesquisadores é reconhecer essa função crucial dentro das exposições e dos museus. *Chico Mendes – Herói do Brasil* é também sobre valorizar os trabalhadores. Além da pesquisa histórica uma série de outros setores são mobilizados quando uma exposição nasce. No caso da exposição em análise houve um corpo trabalhador na redação e na revisão dos textos e do catálogo, na concepção gráfica, na montagem e desmontagem, além da curadoria e de outros que operam na própria estrutura do museu, como o corpo de funcionários e os servidores de órgãos e organizações que contribuíram com fotos, depoimentos e documentos, sendo eles: o Comitê Chico Mendes, Conselho Nacional dos Seringueiros, Agência de Notícias do Acre, Xapuri Socioambiental, Memorial Chico Mendes e o Conselho Nacional de Populações extrativistas. A filha do seringueiro, Angela Mendes, também fez contribuições fundamentais para a realização deste trabalho.

Conclui-se, com isso, que reforçar o papel de quem faz e trabalha nos espaços de memória é valorizar e fortalecer a luta contra a precarização e exploração de trabalhadores, seja nos seringais ou nos museus.

3.2 A mulher na exposição

As mulheres que residiam na mata eram mulheres acostumadas ao trabalho pesado, habituadas a lavar as roupas nos rios, a subir e descer ladeiras com filhos nos quadris, a encerar a casa com argila, a cozinhar no fogão a lenha, a passar as roupas na brasa, a cuidar da pequena horta nos fundos do quintal, enfim, mulheres que viviam um cotidiano distinto ao das mulheres urbanas. (LAGE, 2010, p.48)

A exposição não deixou de fora a presença das mulheres nas lutas sociais. Começando por sua curadoria, são duas mulheres regendo os caminhos de Chico Mendes – Herói do Brasil, Zezé Weiss e Dolores Nieto. Pensar no lugar que as mulheres ocupam nos museus é importante, uma vez que é preponderante a presença de homens em condições de poder nas tomadas de decisões dos museus e como protagonistas de exposições em geral - na curadoria e direção de atividades museais. Nessa perspectiva importa destacar que a mediação da exposição estava a cargo de uma estudante mulher, uma mediadora que cursava Jornalismo, e passava o período de visitação da exposição recebendo grupos, visitantes independentes e pesquisadores.

Para além das mulheres que fomentaram a exposição, havia na narrativa expográfica a presença de uma mulher em específico – Valdiza Alencar. Valdiza, segundo informações presentes nos painéis com textos, foi uma mulher nascida em Sena Madureira que se casou muito jovem e foi morar no Seringal Sacado em Basiléia. Basiléia é a cidade onde Chico Mendes iniciou suas movimentações sindicais. A exposição nos apresenta Valdiza como uma mulher que abriu as portas de sua residência para as freqüentes reuniões dos seringueiros durante a Ditadura Militar. Uma mulher, naquele período tenso, em meio a muitos homens, abrir as portas de sua casa para promover encontros políticos foi de uma grandeza crucial para mostrar a força das mulheres na luta e nos movimentos sociais. Os encontros poderiam se dar em qualquer outro espaço, mas foi no lar de Valdiza que as articulações puderam se desenvolver e dar vida prática às atuações de Chico Mendes e de tantos outros trabalhadores envolvidos.

A memória de Valdiza Alencar foi marcante na exposição e teve um local de destaque junto as outras memórias de Chico Mendes atreladas ao movimento sindical e partidário aos quais ele se envolveu ao longo da vida. A sensibilidade em destacar Valdiza tem um tom único em meio a tantos discursos, falas e pessoas ali representadas. Foram muitos os que atravessaram o caminho de Chico Mendes, mas a escolha curatorial em apresentar uma mulher como parte significativa da história de militância do seringueiro aponta a preocupação política, social e sensível da exposição.

3.3 Chico Mendes - exposto

A exposição inicia contando um pouco sobre a trajetória de Chico Mendes. Seu nascimento, sua caminhada de trabalho precoce ao lado do pai também seringueiro. Nesse ponto da exposição podemos notar a condição de trabalho coletivo imposta a muitas famílias pobres. Prost e Vicent (2009) dirão que a participação integral da família numa mesma atividade econômica acarreta um relativo emaranhamento entre a vida privada e o trabalho produtivo, e isso de fato acontece se pensarmos que as lutas de Chico Mendes estavam diretamente ligadas ao seu modo de trabalho. Em seguida a exposição nos apresenta os envolvimento políticos do seringueiro e sua luta que revolucionou o cenário socioambiental no país. A condição violenta de seu assassinato também aparece em toda a narrativa expográfica, mostrando a frieza e a ambição de seus assassinos.

Uma forma de luta posta em prática por Chico Mendes foi o “empate”, e essa prática também esteve presente nas informações da exposição. O empate, segunda a exposição, era uma forma pacífica de conter os fazendeiros que chegavam com seus funcionários que portavam motosserras com o intuito de desmatar a floresta amazônica. A prática consistia em uma resistência com o próprio corpo, na qual os seringueiros convidavam suas famílias a participarem a fim de ter mais gente na “barreira humana” criada no entorno da mata ameaçada. Na exposição, o recorte temporal dessa atividade revolucionária foi de 1976 à 1988, ano da morte de Chico. Nesse período foram intensas as ameaças por parte dos fazendeiros, e os relatos são de algumas vitórias por meio dos “empates” contra as ações de crime ambientais.

Uma série de depoimentos e entrevistas também acompanham o percurso expositivo. Logo no começo um grande texto do ex-presidente do Brasil Luís Inácio

Lula da Silva, companheiro de partido e amigo de Chico Mendes. Nesse texto Lula expõe seus sentimentos logo após a morte de Chico, lembrando o quanto o seringueiro foi importante nas lutas travadas em defesa da floresta amazônica, relata sua percepção sobre a atuação de Chico Mendes como um militante ativo na criação do Partido dos Trabalhadores no Acre, e lamenta a violência contra um homem que tinha uma grande capacidade de articulação entre trabalhadores, seringueiros, indígenas e povos ribeirinhos. Lula conclui seu depoimento dizendo que as batalhas políticas não cessariam e agradece a vida e a militância de Francisco Alves Mendes Filho.

A presença de um discurso político de um ex-Presidente da República em uma exposição é um expressivo elemento na seleção de quais discursos inserir. E essa escolha discursiva se desdobra em toda a narrativa exposta. É claro que, sabendo que Chico era um membro do Partido dos Trabalhadores tal como Luís Inácio Lula da Silva, parece haver uma intenção de se estabelecer uma coerência narrativa ao se exibir um depoimento simbolicamente forte na composição dos textos apresentados. Nessa condição, a curadoria parece ter selecionado trechos e relatos sensíveis e ao mesmo tempo impactantes ao público visitante.

Ao longo dos estudos museológicos se debruçar sobre as “não escolhas” talvez nos ofereça muitos indícios importantes do que necessariamente “as escolhas” curatoriais: uma vez que não optamos por um caminho, arcamos com o não dito, criamos lacunas nos discursos e estabelecemos silêncios. Nesse sentido a curadoria foi extremamente feliz optando por uma fala sucinta em que o ex-presidente abarca uma série de fatos, memórias e atividades de Chico Mendes, contemplando boa parte de sua trajetória e invocando os principais pontos dela.

Figura 08: Chico Mendes na exposição

Foto: Luis Félix Rocha

Ainda sobre a vida de Chico Mendes, a exposição buscou expor a mídia e a vida da seringueirada. Durante a Ditadura Militar e seus processos de censura, os canais de comunicação dificilmente expunham a luta e as dinâmicas econômico-sociais que se passavam no norte do país. O que impulsionou Chico Mendes foi sua popularidade internacional, e esse fato também é contando em *Chico Mendes – Herói do Brasil*. Nesse trecho da exposição Chico aparece sendo convidado a participar de reuniões com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a Organização das Nações Unidas (ONU), recebendo o prêmio Global 500 de Preservação Ambiental. Essas premiações foram apresentadas na exposição com o seringueiro sendo agraciado por membros da Sociedade para um Mundo Melhor, em Washington (EUA), no ano de 1987, pouco mais de um ano antes de seu assassinato.

Figura 09: Chico Mendes: premiação



Foto: Maria J. C. Oliveira²³

Mostrado isso a exposição nos apresenta um cenário onde a presença indígena e seringueira existe, a derruba da mata é mais contida de certa forma, por conta das mobilizações das pessoas que ali habitam e constroem suas trajetórias sociais. A exposição, nesse sentido procura construir um discurso de que a floresta erguida é mais valiosa do que derrubada, e isso é o elemento basilar de existência de famílias inteiras que têm como fonte de renda e economia social o trabalho na floresta.

3.4 Vozes da Luta

No fim do percurso, a partir da entrada, um mural com nomes de pessoas importantes nos movimentos que Chico Mendes apoiava. O mural, chamado Vozes da Luta, apresentava fotos de várias pessoas e pequenos textos acompanhando as imagens - textos descritivos sobre a pessoa e sua atuação em diversas frentes de ação social. As

²³ Maria J. C. Oliveira. 8. Nov. de 2018.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10217271052269097&set=pb.1255740914.-2207520000.1561476504.&type=3&theater>>. Acesso em: 25/6/2019.

personalidades presentes eram: Abrahim Farhat; Adrian Cowell; Vicente Rios; Ailton Krenak; Antônio Macêdo; Anthony Gross; Ariovaldo Umbelino de Oliveira; Carlos Walter Porto Gonçalves; Binho Marques; Cecília Mendes; Dom Moacyr Grecchi; Elson Martins; Gumercindo Rodrigues; Jorge Viana; Júlia Feitosa; Leide Aquino; Júlio Barbosa; Lucélia Santos; Paulo Betti; Luís Inácio Lula da Silva; Marina Silva; Mary Allegretti; Mauro Almeida; Osmarinho Amâncio; Raimunda Bezerra; Raimundo Mendes de Barros; Raimundo Monteiro; Sabá Marinho; Sebastião Neto. Todas essas pessoas de alguma forma estiveram ligadas a Chico Mendes, exercendo cargos na burocracia brasileira no período de atuação militante do seringueiro, trabalhando ao seu lado nos movimentos ou mesmo aplicando suas ideias de alguma forma em suas práticas profissionais. Um painel simbólico a fim de homenagear algumas das muitas pessoas que atravessaram o caminho de Chico Mendes, ambientalistas, políticos, lideranças em movimentos sociais diversos, defensores dos Direitos Humanos, membros das Comunidades Eclesiais de Base, educadores e advogados. Segundo o discurso expositivo, esse era o perfil em geral das pessoas que acompanhavam e estavam ao lado da luta protagonizada por Chico Mendes. Pontuar essas pessoas provavelmente teria a intenção de mostrar que o legado de Chico Mendes perpassou diferentes caminhos, e que o seringueiro transitou por variados grupos e por diversos saberes e militâncias pautadas em diferentes bases.

Parede Vozes da Luta:

Figura 10–Vozes da Luta



Foto: Hugo Barreto/ Metr pole²⁴

²⁴ Foto de Hugo Barreto para a página online de Metr poles. 9/11/2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas-blogs/claudia-meireles/ambientalistas-marcam-presenca-em-exposicao-dedicada-a-chico-mendes>>. Acesso em: 13/6/2019.

Esse percurso de Chico Mendes pode refletir e inspirar os caminhos acadêmicos e museológicos. Num possível entrecruzamento simbólico dessas diferentes jornadas, seringueiras ou museológicas, parece interessante articular tais conhecimentos para fortalecer o trabalho e as experiências. Para tanto, é preciso reconhecer a necessidade da Museologia de dialogar com diferentes disciplinas, e construir caminhos que se articulem a outros campos do conhecimento e diferentes saberes:

Como disciplina aplicada podemos destacar dois aspectos: por um lado o viés de aplicação não prescinde da teoria mas também impõem a necessidade da experimentação para elaboração e revisão do pensamento teórico. Por outro, aplicando-se à comunicação do saber produzido em outras áreas do conhecimento, a Museologia compreende a impossibilidade de se desenvolver em um percurso solitário, visto que seus métodos e técnicas (e consequentemente a teorização) estão intimamente ligados à natureza dos acervos ou das referências patrimoniais, não são pura abstração. E necessitam, por isso, dialogar com os diferentes campos disciplinares, denominados na bibliografia áreas de pesquisa básica. (DUARTE, 2009, p.?)

E é na condição de disciplina aplicada que reside o trabalho de montagem e desmontagem de exposição, a tarefa física, o transporte das obras, a ocupação da galeria no Museu Nacional da República, são modos de operação práticos que tornam a Museologia esse campo de atuação comunicacional teórico e aplicado.

3.5 Mártires da Luta

O espaço *Mártires da Luta*, se revela como um mural dedicado a 30 pessoas que foram assassinadas por serem envolvidas na luta ambiental ou na militância da reforma agrária. No começo da exposição um texto já informa que tal mural expositivo não daria conta da quantidade de vidas interrompidas, vítimas de violência no campo contra trabalhadores rurais, pescadores, indígenas, quilombolas, posseiros e assentados. Sendo assim, a escolha expográfica foi de fazer uma referência simbólica a tantos outros que assim como Chico Mendes morreram de forma brutal. Portanto, o número 30 aparece como estratégia escolhida, e corresponde aos anos de ausência de Chico Mendes nesse mundo.

Ademir Alfeu Federecci; Angelo Kretá Kaingang; Apoená Meireles; Bartolomeu Moraes da Silva; Carlos Antônio dos Santos; Clodiode Aquileu Rodrigues de Sousa; Dorcelina Folador; Dorothy Mae Stang; Francisca das Chgas Silva; Helenira Resende de Sousa Nazareth; João Carlos Batista; José Porfírio; Josimo Moraes Tavares; Kátia Martins; Maninha Xucuru-Kariri. Marçal Guaranu Tupã-Y; Márcio Matos de Oliveira.

Margarida Maria Alves; Maria do Espírito Santo e José Cláudio da Silva; Maria Trindade da Silva Costa; Nazildo dos Santos Brito; Nilce de Souza Magalhães; Onalício Araújo Barros; Paulo Fontelles; Paulo Sérgio Almeida; Roseli Celeste Nunes da Silva; Simeão Vilhalva; Valdenir Juventino Izidoro; Waldomiro Costa Pereira; Wilson Pinheiro.

Esses foram os nomes citados na exposição. Nomear essas vítimas aparece, portanto, como uma forma de memorar e de trazer para a Museologia o debate sobre a violência contra trabalhadores e militantes sociais. Nessa perspectiva, a exposição se revela como uma ferramenta que “dá voz” aos que foram silenciados, e aparece como uma ferramenta igualmente militante: politizar os museus e os espaços expositivos pode ser também um mecanismo de luta social a ser apropriado por trabalhadores da cultura.

O título *mártires* remete a ideia de correr o risco de morrer por uma ideologia. Isso na exposição tem um sentido expressivo, na medida em que retrata pessoas que abriram mão de um dia a dia comum para se juntarem a coletivos, grupos e movimentos diversos o que acabaram sofrendo consequências. “Estar na luta” na exposição tem conotação de “estar disposto a morrer por uma causa”.

Figura 11- Mártires da Luta



Foto: Hugo Barreto/ Metrópolis²⁵

3.6 Cenografia seringueira

²⁵ Foto de Hugo Barreto para a página online de Metrópolis. 9/11/2018. Disponível em: <<https://www.metrolopes.com/colunas-blogs/claudia-meireles/ambientalistas-marcam-presenca-em-exposicao-dedicada-a-chico-mendes>>. Acesso em: 13/6/2019.

Uma estrutura foi montada criando a condição de ambiente que remetia a um tipo de casa de seringueiro, com utensílios e objetos de uso cotidiano, comuns no dia a dia de um lar.

Muitos artefatos produzidos com palha e tecidos, um rádio, uma leiteira, um cesto, brinquedos simulando animais e uma mesa posta. A iluminação criava um clima de interior de casa, com tonalidades variando entre o marrom e o bege. Em frente ao cenário, uma mesa de vidro com uma máquina de escrever usada pelo próprio Chico Mendes estava exposta, e uma série de documentos e correspondências assinadas pelo mesmo, dentro de uma estrutura de vidro que permitia a leitura aos visitantes, sem que os mesmos pegassem nos originais. Um mapa com reservas extrativistas criava um fundo na exposição:

Figura12: Reservas extrativistas no Brasil



Foto: Maria J. C. Oliveira²⁶

²⁶ Foto de Maria J. C. Oliveira em Facebook.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10217271056029191&set=pb.1255740914.-2207520000.1561476504.&type=3&theater>>. Acesso em: 25/6/2019.

Figura 13 – Cenografia SeringueiraFoto: Hugo Barreto/ Metr p les²⁷

Acima observamos imagens dos espaços expográficos que remete, portanto, ao cotidiano doméstico da vida dos trabalhadores e trabalhadoras seringueiros além de uma série de painéis com textos e imagens, que predominam como recurso expositivo em toda a exposi o. A cenografia, portanto, parece ser utilizada como ferramenta para “transportar” o público a uma realidade que lhes   geograficamente distante, e recorre a ferramentas est ticas que invocam costumes e rotinas através de materiais e objetos que possam parecer t picos àquela experiência regional.

Sendo assim, a exposi o faz um panorama geral da vida, dos atravessamentos e das pessoas que caminharam com Chico Mendes de forma singular e tocante. Os textos, imagens e o clima expositivo nos transferem para a realidade seringueira de Chico Mendes e seus companheiros, possibilitando uma experiência única dentro de um museu moldado em uma estrutura tradicional.

²⁷ Foto de Hugo Barreto para a página online de *Metr p les*. 9/11/2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas-blogs/claudia-meireles/ambientalistas-marcam-presenca-em-exposicao-dedicada-a-chico-mendes>>. Acesso em: 13/6/2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chico Mendes – Herói do Brasil foi e está sendo ao longo de sua circulação por diferentes espaços expositivos uma experiência entre o campo museal e os interesses de movimentos sociais. A partir da demanda de pessoas que entenderam ser importante a rememoração dos 30 anos de assassinato de Chico Mendes, somado a receptividade do Museu Nacional da República, foi possível experienciar um diálogo entre o campo museal, a luta ambiental, a memória de uma pessoa assassinada, a realidade seringueira e tantas outras possibilidades de reflexão sobre realidades outras de trabalho e militância. Tais realidades, distantes geograficamente do centro-oeste, porém, próximas no que diz respeito as batalhas sociais travadas no campo e na cidade, nos aproxima de reflexões sobre a violência perpetrada contra pessoas ligadas a movimentos de Direitos Humanos e ativismos em todo o Brasil.

Uma exposição temporária em um grande museu, mesmo que em cartaz por pouco tempo, é capaz de trazer debates e reconhecer memórias importantes para a história do Brasil. Cabe destacar que seu período de funcionamento no Museu Nacional da República foi posterior a última eleição presidencial do país, com políticos de direita ligados a partidos conservadores ganhando em diversas esferas. Nesse contexto, ter uma exposição como essa parece ser um ato de coragem, na medida em que traz à tona temas que estavam sob críticas de parcelas significativa de políticos eleitos no âmbito do Poder Executivo e Legislativo. Além de Chico Mendes, a voz de tantas outras pessoas de luta, e o Museu Nacional que carrega em si uma homenagem a um jovem também assassinado em período ditatorial - Honestino Guimarães -, faz do contexto da exposição no atual momento político um clamor pela justiça, pela liberdade de expressão, pela importância do setor cultural e por uma série de outros “empates” que o legado de Chico Mendes nos deixa, comovendo tantas áreas das lutas sociais.

É nessa estrutura de “exposição política” que a Museologia reforça seu caráter de canal entre histórias, memórias e representações a partir das potencialidades dos espaços de debate para questões que atravessam a vida do trabalhador e da sociedade brasileira.

Em fevereiro de 2019, o atual ministro do Meio Ambiente, Ricardo Lessa, deu um depoimento provocante e ameaçador para o movimento ambientalista e para os que valorizam as atuações de Chico Mendes. Segundo o correspondente do jornal O Globo,

André Trigueiro (2019)²⁸, Lessa manifestou desprezo por Chico Mendes e sua trajetória por entendê-lo como “alguém de esquerda”. Além de desmerecer toda a luta do seringueiro e não reconhecer sua morte como um processo violento, o ministro defendeu uma série de flexibilizações ambientais que colocavam em risco uma cadeia produtiva sustentável, incluindo seringueiros, comunidades ribeirinhas e indígenas. As pautas do ministro vão desde deslegitimar assuntos climáticos até a negação do uso inteligente de recursos naturais. Os posicionamentos do ministro preocupam também o futuro do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade, posto que Ricardo Salles pretende diminuir o número de escritórios regionais da Instituição.

Vê-se com isso que o conservadorismo da Ditadura Militar e as mesmas lutas ambientais de Chico Mendes se fazem presente atualmente. Nesse sentido, a exposição *Chico Mendes – Herói do Brasil* é um alerta, um reforço, uma evidência de que é preciso continuar resistindo e trabalhando memórias e narrativas não contadas, para que assassinatos como o caso de Chico Mendes não mais ocorram.

Existe um processo de *patrimonialização não formal* de Chico Mendes, uma vez que sua memória é movimentada em trâmites de relações simbólicas já operadas por “especialistas”; seu nome está em discursos e “espaços” oficiais (SOUZA, 2017, p.54). E temos como “pano de fundo” um patrimônio que já nasce reconhecido pelo poder público: o Museu Nacional da República, que compõe o tombamento do Conjunto Cultural da República²⁹. Nesse sentido, a Museologia e as ferramentas do campo museal se mostram potentes para construir, à sua maneira, suas formas de “empate”.

Que a trajetória de Chico Mendes continue inspirando e mobilizando seringueiros, estudantes e trabalhadores da cultura, que as atuações de preservação de memórias sejam eficazes o suficiente para perpetuar seu legado e honrar sua trajetória.

REFERÊNCIAS

²⁸ Natureza. Blog do André Trigueiro. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/blog/andre-trigueiro/post/2019/02/12/ministro-reconhece-ignorancia-sobre-quem-foi-chico-mendes-e-sobre-o-merito-da-luta-pelo-meio-ambiente.ghtml>>. Acesso em: 25/6/2019.

²⁹ Complexo Cultural da República. Patrimônio do DF. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/892/>>. Acesso em: 25/6/2019.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARAOJO, J.S. **Pai Nosso do Seringueiro**. Encontro Nacional dos Seringueiros da Amazônia. Brasília. 1985. p. 86. Disponível em: <<https://documentacao.socioambiental.org/documentos/04D00051.pdf>> . Acesso em: 20/6/2019.

CARVALHO, Rosane Maria de. As transformações da relação museu e público sob a influência das tecnologias da informação. In: **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 2, 2006. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2004. Páginas 127 a 139.

CASTRO, Stélia Braga. **Casa de Chico Mendes e o entorno**: formas de consagração e preservação do patrimônio cultural. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural). Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, 2014.

CHAGAS, Mário de Souza. Memória e Poder: Dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 19, n. 19, June 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>>. Acesso em: 12 June 2019.

CHAGAS, Mario de Souza. **Museus, memórias e movimentos sociais**. **CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA**, 41 – 2011, p; 5 – 15.

CHAGAS, Mario de Souza. **Um novo (velho) conceito de museu**. **Cadernos de Estudos Sociais**. Recife, V. 1 n.2 Zz 183-192, JUL/dez, 1985.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Museus e conhecimento interdisciplinar**. In: **Revista Museu**, 2009. Disponível em: http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=19384. Acesso em: 10/6/2019.

FANSANELLO, Marina Tarnowski; ARAÚJO Inesita Soares de; PORTO, Marcelo Firpo. Produção Audiovisual nas Lutas dos Movimentos Sociais do Campo no Brasil: Dimensões Comunicacional e Epistemológica. **Revista de Comunicación y Ciudadanía Digital** - COMMONS 2016 Vol. 5 N. 2 pp. 118-147.

GONÇALVES, José Reginaldo. **Autenticidade, memória e ideologias nacionais**. **Estudos Históricos**, n. 2, 1988.

GUTFREIND, Cristiane Freitas. **O filme e a representação do real**. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação**. *E-compos*. Rio Grande do Sul. Agosto, 2006.

KIEFER, Flávio. **Arquitetura de Museus**. in: **Arquitexto** 1, 2000/2. Disponível em:<https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_1/1_Kiefer.pdf> . Acesso em 13 de junho de 2019.

LAGE, Mônica Maria Lopes. **Mulher e Seringal: Um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880 – 1920)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. Manaus. 2010.

MARINI, Ruy Mauro. **América Latina, dependencia y globalización** . Compilador Carlos Eduardo Martins. – Bogotá: CLACSO y Siglodel Hombre Editores, 2008.

MORAES, Nilson Alves de. **Museus e poder: enfrentamentos de um incômodo de pensar e fazer**. In O caráter político dos museus. MAST Colloquia. Vol. 12. Rio de Janeiro. 2010.

PINTO, Agda Araujo Sardinha. **O Discurso Identitário nos Museus de Rio Branco, Acre: Uma Análise De Narrativas Expositivas**. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Museologia) - Museu de Arqueologia e Ertnologia, Universidade de São Paulo, SP, 2014.

PROST, Antoine; VICENT, Gérard. **História da vida privada 5: da primeira guerra aos nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RANGEL, Marcio Ferreira. **Políticas Públicas e museus no Brasil**. In O caráter político dos museus. MAST Colloquia. Vol. 12. Rio de Janeiro. 2010.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **1968, o curto ano de todos os desejos**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10 (2): 25-35, outubro de 1998.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAYEGH, Simone. **Nave Branca**. Técnica 17 Pini, artigo online. P.2, junho, 2017. Disponível em: <<http://techne17.pini.com.br/engenharia-civil/124/artigo286425-2.aspx>>. Acesso em: 15/5/2019.

SHEINER, Tereza Cristina. **Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012

SILVA, Antônio Carlos Galvão da. **O Seringal no município de Lábrea: O espaço vivido e a resistência de um tempo**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia – UNIR, 2008.

SILVA, Platini Fernandes & LISBOA, Pablo. **Interação, novas mídias e tecnologias da informação e comunicação em exposições museológicas**. UFPEL, 2013.

SOUZA, Luciana Christina Cruz. **Você tem fome de quê? Uma reflexão sobre patrimônio, legitimidade e novas perspectivas analíticas**. Mosaico. v8 n12. Novembro. p. 45 – 50. 2017.

TRIGUEIRO, André. Blog do André Trigueiro. G1 Globo. **Ministro reconhece ignorância sobre quem foi Chico Mendes e sobre o mérito da luta pelo meio ambiente**. 12/fev. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/blog/andre->

trigueiro/post/2019/02/12/ministro-reconhece-ignorancia-sobre-quem-foi-chico-mendes-e-sobre-o-merito-da-luta-pelo-meio-ambiente.ghml>. Acessado em: 13/6/2019.

XAVIER, Denise Walter. A museologia itinerante: uma perspectiva histórica. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 45, p. 37-59, 2013.